

Partir e recomeçar: imigração e carreira de brasileiras e brasileiros na Irlanda

Andrea Oltramari

Professora da Universidade de Passo Fundo (Brasil)

andreaoltr@gmail.com

Luise Bittencourt Peres

Pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

bittencourtluise@gmail.com

Aline Mendonça Fraga

Professora da Faculdade do Sistema de Ensino Gaúcho (Brasil)

alinemf.adm@gmail.com

Maria José Tonelli

Professora da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (Brasil)

maria.jose.tonelli@fgv.br

Resumo

O presente artigo aborda a carreira de emigrantes do Brasil para a Irlanda com foco nos pontos de virada (turnpoints) que envolvem tanto a decisão para migrar como aqueles vivenciados no contexto de migração. O estudo é de cunho qualitativo. Como principais resultados, destacam-se: a) as particularidades da vida de imigrante atravessadas por marcadores sociais, principalmente por gênero, b) a relevância da formação de redes entre mulheres imigrantes; c) a precarização e informalidade experimentadas por profissionais com qualificação; d) a crise de moradia e aluguéis e) novos desafios impostos a imigrantes pela situação de pandemia mundial. O estudo contribui para a articulação dos estudos de migração e carreira, com destaque para os pontos de virada, que envolvem recomeços e regressos muitas vezes compulsórios, vividos por imigrantes.

Palavras-Chave

Migração; Carreira; Turning points

Leave and start again: immigration and career of Brazilian women in Ireland

Abstract

This article addresses the career of emigrants from Brazil to Ireland with a focus on turning points (turnpoints) that involve both the decision to migrate and those experienced in the context of migration. It is understood that migration can occur, primarily, for a motivation related to a new start in life, which may or may not be directly related to the career. The study is qualitative in nature and aims to verify and analyze the turning points that make up the career of Brazilian and Brazilian immigrants who live and work in Dublin. As main results, the following stand out: a) the particularities of the immigrant's life crossed by social markers, mainly by gender, b) the relevance of the formation of networks among immigrant women; c) the precariousness and informality experienced by qualified professionals; d) the housing and rent crisis; e) new challenges imposed on immigrants by the global pandemic situation. The study contributes to the articulation of migration and career studies, highlighting the turning points, which involve restarts and returns, which are often compulsory, experienced by immigrants.

Keywords

Migration; Career; Turning points

Salir y comenzar de nuevo: inmigración y carreras de mujeres brasileñas en Irlanda

Resumen

Este artículo aborda la carrera de los emigrantes de Brasil a Irlanda con un enfoque en los puntos de inflexión (puntos de inflexión) que involucran tanto la decisión de migrar como los vividos en el contexto de la migración. Se entiende que la migración puede ocurrir, principalmente, por una motivación relacionada con un nuevo comienzo en la vida, que puede o no estar directamente relacionada con la carrera. El estudio es de carácter cualitativo y tiene como objetivo verificar y analizar los puntos de inflexión que configuran la carrera de los inmigrantes brasileños y brasileños que viven y trabajan en Dublín. Como principales resultados se destacan: a) las particularidades de la vida de la inmigrante atravesadas por marcadores sociales, principalmente de género, b) la relevancia de la formación de redes entre las mujeres inmigrantes; c) la precariedad y la informalidad que viven los profesionales calificados; d) la crisis de la vivienda y el alquiler; e) los nuevos desafíos que impone a los inmigrantes la situación de pandemia global. El estudio contribuye a la articulación de la migración y los estudios de carrera, destacando los puntos de inflexión, que involucran reinicios y retornos, que a menudo son obligatorios, vividos por los inmigrantes.

Palabras clave

Migración; Carrera; Puntos de inflexión

Dados para Contato | Contact Details | Detalles de Contacto: Andrea Oltramari - Universidade de Passo Fundo. BR 285 Km 292,7 | Campus I, Bairro São José - São José, Passo Fundo - RS, 99052-900, Brasil. **URL:** <https://www.upf.br/>

Recebido em | Received in | Recibido en: 05/01/2022 - **Aprovado em | Approved in | Aprobado en:** 15/06/2023

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/recape.v13i3.57033>

INTRODUÇÃO

A Irlanda é o terceiro país com o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no mundo. Essa pode ser considerada uma das motivações para que o país seja conhecido como um dos lugares que mais recebe brasileiras e brasileiros, especialmente para estudar e trabalhar (CSO, 2016). No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a Irlanda vivenciou um significativo crescimento econômico, na qual a demanda por serviços e produtos que conseguiam ser sanadas por trabalhadores/as locais (MAHER, 2010). Dessa forma, o trabalho de imigrantes passou a assumir as vagas de trabalho pouco procuradas pela população irlandesa. Diversas pessoas emigraram do Brasil contratadas pela indústria de processamento de carnes. Em razão das oportunidades de trabalho, esse foi considerado o marco inicial das migrações de brasileiros/as para Irlanda (MAHER, 2010).

O governo irlandês dá indícios de que esse crescimento econômico atual é atrelado ao baixo índice de desemprego, o que faz com que sua população tenha poder aquisitivo, e mudanças das regulamentações fiscais para empresas multinacionais, que estimularam a inserção de novos negócios no país. No ano de 2018, os principais setores da economia irlandesa foram a indústria transformadora, a informação e comunicação, o comércio grossista e retalhista, os transportes, os serviços de alojamento e restauração e a administração pública (UE, 2020).

Nesse cenário, pode-se observar o aumento de movimentos migratórios, principalmente de brasileiros/as. Segundo dados do último censo realizado pelo Escritório Central de Estatística – CSO da Irlanda, realizado em 2016, o número de brasileiros no país, desde o ano de 2006, triplicou, chegando a aproximadamente 14 mil (CSO, 2016). A maioria desses/as brasileiros/as vivem na capital do país, em Dublin, são jovens, bem qualificados/as e estão inseridos/as no mercado de trabalho na mesma proporção que trabalhadores/as nacionais. Contudo, conseguem se colocar principalmente no setor de serviços, como por exemplo, nas atividades de acomodação, alimentação e reparação de veículos (CSO, 2016).

Destaca-se, ainda, que o valor mínimo da hora de trabalho é de dez euros, o que está acima de muitos países da Europa, outro fator que atrai imigrantes para trabalhar. Informações mais recentes demonstraram que entre os/as imigrantes que vivem na Irlanda e possuem permissão para permanecer no país, brasileiros/as estão em maior número, ultrapassando, inclusive, imigrantes vindos da Índia e dos Estados Unidos da América. (INIS, 2018).

Embora esse número seja significativo, as condições de vida e trabalho dos brasileiros no país podem não serem tão confortáveis. Através de observações de campo, realizada por uma das autoras desta pesquisa, percebeu-se que muitos brasileiros trabalham em setores na qual não é necessária mão de obra especializada, moram em grupos, dividindo apartamentos, quartos e,

inclusive camas, com outros imigrantes. Afora isso, poucos seguem trabalhando na sua área e há uma diferença entre os imigrantes homens e as imigrantes mulheres na trajetória migratória que compõe a carreira, mercado de trabalho e motivações para migrar.

Entretanto, não há pesquisas que aprofundem as condições de vida e trabalho dos imigrantes brasileiros/as no país. Encontrou-se dois estudos realizados pelos mesmos autores que abordam o acesso de imigrantes brasileiros ao emprego utilizando conceitos de capital social na criação de vínculos e redes de apoio (MAHER; CAWLEY, 2015) e a vulnerabilidade dos imigrantes às políticas trabalhistas e economia do país (MAHER; CAWLEY, 2016).

Percebe-se uma lacuna que a presente pesquisa pretende descobrir, com referência às migrações de brasileiras e brasileiros para Dublin, capital da Irlanda. Quais elementos são motivadores para a migração? Como se dá a inserção no mercado de trabalho? Imigrantes qualificados/as conseguem colocação compatível com sua formação? Existem redes de apoio entre imigrantes? Há diferenças nas vivências profissionais entre imigrantes homens e mulheres?

Com o intuito de trazer contribuições que possam responder tais questionamentos e ampliar as discussões sobre o tema, esta pesquisa aproxima os estudos de carreira e de migração ao olhar para emigrantes do Brasil para a Irlanda a partir de *turning points* (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016; HOWES; GOODMAN-DELAHUNTY, 2013). Parte-se do pressuposto de que a migração pode ocorrer, primeiramente, por uma motivação relacionada a um recomeço de vida, que pode estar ou não estar diretamente vinculada à carreira. O estudo é de cunho qualitativo e objetiva verificar e analisar os pontos de virada (*turning points*) que compõem a carreira de imigrantes brasileiras e brasileiros que vivem e trabalham em Dublin. O artigo está organizado em quatro partes: revisão de literatura, metodologia, análise dos resultados e considerações finais.

1. Migrações e carreira de Imigrantes

Há vários fatores que podem influenciar a inserção dos refugiados e imigrantes no mercado de trabalho e no desenvolvimento de sua carreira. Para Dornelas e Ribeiro (2018) existe uma divisão entre os refugiados/as e imigrantes que são desejáveis e os que são indesejáveis, o que demonstra que a divisão e desigualdade presente na sociedade refletem nessas pessoas. Ademais, é perceptível a diferença entre homens e mulheres refugiados/as e imigrantes negros/as e brancos/as. As distinções se dão em termos de acesso a possibilidades de acesso à educação, moradia e trabalho, por exemplo. Há também diferenças entre as mulheres refugiadas e imigrantes, já que elas muitas vezes se tornam invisíveis perante a sociedade e políticas públicas.

Por meio desses recortes, é possível visualizar alguns fatores que estão interligados e fazem parte da trajetória dos refugiados e imigrantes: gênero, raça, classe e etnia. Assim, de acordo com Bajwa *et al.* (2018) analisar essas intersecções e como elas afetam a reinstalação dos refugiados e imigrantes pode auxiliar no entendimento das barreiras impostas a eles na busca por uma carreira, visto que um grupo específico de imigrantes pode vir a sofrer mais dificuldade de inserção no mercado de trabalho local.

O estudo realizado por Wehrle, Kira e Klehe (2018) demonstra que a maioria dos refugiados e/ou imigrantes teve que abandonar sua carreira anterior em busca de segurança e melhores condições de vida. Consequência a isso, os imigrantes qualificados despendem de um esforço extra para serem legitimados no país de destino, segundo Yu (2019). Destaca-se especialmente a legitimação cultural que se demonstra através dos sotaques, comportamentos e estilo como uma forma de adequação social que possa ser refletida no mercado de trabalho.

Um dos métodos de adaptação que geralmente é utilizado pelos imigrantes é a geração de redes de segurança social (CAMPION, 2018), pois a inclusão em uma rede solidária apoia o imigrante e o legitima socialmente. Assim, é provável que os imigrantes se concentrem na geração da rede em especial quando sentem a ameaça de discriminação e à capacidade do idioma do país anfitrião na chegada, como uma forma de adaptação na sua carreira.

2. *Turning Points*: Virada de vida em contexto de migração

Ao tomar a carreira como trajetória de vida, que envolve aspectos objetivos e subjetivos, permeada por conflitos e dilemas (HUGHES, 1937; 1958), pode-se considerar a existência de momentos de negociação e de decisão (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, CHIESA, 2016; DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016) que podem culminar em pontos de virada (*turning points*). DeLuca e Rocha-De-Oliveira (2016) utilizam a noção de ponto de virada como um recurso metodológico para compreender as trajetórias de carreiras desviantes, nas quais mudanças e possibilidades de carreira surgem, direta ou indiretamente, levando a diferentes caminhos. Processos e experiências, transposição de barreiras, períodos de questionamentos, dilemas e conflitos, aspectos objetivos e subjetivos da vida, evidenciam que carreira é “a vida vivida” que conecta todos elementos pessoais e profissionais conjuntamente (DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016; OLTRAMARI; GRISCI, 2012; 2014).

Com referência aos pontos de virada, podemos compreendê-los na visão de Howes e Goodman-Delahunty (2013), como um estímulo para mudanças, que serve como um ponto de partida para caminhos diversos. De tal forma, os pontos de viradas se referem a recomeços, transições,

processos de mudança e, eventualmente, um ponto final. Adicionalmente ao entendimento de pontos de virada (HOWES E GOODMAN-DELAHUNTY, 2013; DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016) infere-se que as carreiras ocorrem em contexto sócio-histórico, que envolvem elementos individuais e coletivos de determinada sociedade (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007).

Dito isso, ao interseccionar pontos de virada com carreiras em contexto pode-se pensar que as decisões e principalmente os dilemas relativos às carreiras dizem também de aspectos institucionais, da diminuição das distâncias e da feminização das carreiras (FRAGA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2020), bem como aspectos de contextos globais, socioculturais, de origem e do trabalho (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007).

Em especial as carreiras femininas, com foco nos olhares generificados sobre elas (carreiras sem fronteiras, por exemplo) – podem ser consideradas potencialmente mutáveis. Contudo, as mudanças são muitas vezes associadas a dilemas na vida (casamento, maternidade e atividades de cuidado, por exemplo) e não necessariamente a melhores inserções no mercado de trabalho. Embora mencionem questões sobre mobilidade, as teorias de carreira tratam das particularidades que envolvem a mobilidade geográfica, a expatriação ou a migração (FRAGA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2020).

Entende-se que os pontos de virada dizem dos mais variados questionamentos relativos à carreira e que se aproximam da vivência de imigrantes, estejam em carreiras desviantes ou não. Na experiência de migração, é importante compreender que as escolhas não são unicamente individuais, já que ele/ela está inserido/a em contexto que pode determinar, limitar ou ampliar suas possibilidades de trajetória. Tais pontos de virada dizem das mobilidades em labirintos (FRAGA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2020) que fazem parte da construção das carreiras de mulheres, influenciadas por barreiras socioculturais, políticas, organizacionais, por exemplo.

Tanto a segregação sexual do trabalho (HIRATA, 2018; HOLZMANN, 2006) quanto experiências de assédios (moral e sexual) influenciam planos de inflexão ou virada na carreira. Assim acontece nas trajetórias de imigrantes. Enquanto algumas pessoas têm sua inserção no mercado de trabalho no exterior facilitada por uma empresa, tal como no caso de expatriados/as, outras deixam seus países por variados motivos, que não somente o trabalho, mas desejos de mudança e busca por qualidade de vida.

3. A relevância das redes solidárias nas migrações

Cada vez mais, é importante mencionar, vivemos em uma perspectiva de desterritorialização das mercadorias, dos recursos financeiros, da informação e dos corpos. Esse é um elemento importante a pensar mesmo que o desafio maior seja dividir essa fluidez por quem e para quem (HAESBAERT,

2004). Lencioni (2010) também destaca o período de transição como a reestruturação mundial das relações sociais, quer seja chamada de pós-modernidade, pós-fordismo, modernidade líquida ou sociedade pós-industrial.

Todos estão inseridos em um processo de desterritorialização, mesmo que também tenham que enfrentar fechamentos de fronteiras físicas, delimitações de territórios que tem, entre tantos objetivos, fortalecer as identidades étnicas e nacionais, em um movimento de xenofobia (APPADURAI, 2009). Mesmo que a emergência do “chamado ciberespaço e da globalização econômica não só “abriu fronteiras” como criou outras, facilitando e fortalecendo os contatos entre membros de uma diáspora, por exemplo; e que a destruição de barreiras fronteiriças é sobretudo um fenômeno de base econômica, não valendo, por exemplo, para o fluxo de migrantes e para a homogeneização dos espaços culturais” (HAESBAERT, 2004, p. 210-211).

As redes se constituem espaços importantes e essenciais de acolhimento e ligação entre imigrantes. Nos anos recentes, Dias (2007) aponta que estudar as redes se constitui numa agenda de pesquisa importante e vem reunindo as mais diversas propostas. Em um crescente movimento de fluxos migratórios pelo mundo aqueles que conseguem ficar mais libertos do controle territorial constituem as redes de ligação, que são potentes interações entre os nós (DIAS, 2007). Para Dias (2007) é importante também salientar que as redes devem estar ativas, ou seja, por si só não se constituem redes, mas devem estar sobretudo em uso. A autora também busca na origem da palavra redes um modo de explicar seu significado: “o conjunto de fios entrelaçados, linhas, nós. Técnica de tecelagem composta de fios regularmente entrelaçados e servia para capturar pequenos animais” (DIAS, 2007, p. 14). Ou seja, a capacidade de aproximar e reforçar pontos (LENCIONI, 2010). Santos (2014, p. 262) diz que “redes se enquadram em duas grandes matrizes: a que considera apenas sua realidade material e uma outra que leva em conta o dado social”. Assim, para o autor, rede é também social, política e formada pelas pessoas, mensagens e valores que a frequentam.

Tendo em vista que boa parte das redes atualmente são constituídas de modo virtual (pelo menos inicialmente) Castells (1999, p. 497) já dizia que “embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social”.

Inegável portanto afirmar que há um espaço capitalista homogêneo e fragmentado e que caminha lado a lado com a desterritorialização que é heterogênea e se intensifica por meio das redes, que buscam sobretudo, mundializar-se (SANTOS, 2014). Redes são mediações, “mas também momentos da produção, produtoras de um novo espaço. Podem ser materiais, como uma estrada ou imateriais como as redes virtuais” (LENCIONI, 2010, p. 5). O tráfego das informações corresponde, portanto, às redes imateriais e são importantes para garantir a fluidez da rede. Diferentemente,

para a mesma autora, as redes de proximidade territorial dizem respeito às redes viárias e por isso “obedecem a lógica topográfica” e logo, material (LENCIONI, 2010, p. 5).

Ainda, importante dizer que para Lencioni (2010) dependendo da rede a inserção se difere. Para a autora “a propriedade que as redes têm de conectividade pode ser ao mesmo tempo elemento que une o que está separado, mas que também distingue e separa o que tem de capacidade de se conectar daquele que não o tem” (LENCIONI, 2010, p. 6). As redes são, portanto, na sua essência, heterogêneas e não uniformes (SANTOS, 2014). Para Santos (2014), ainda, é importante enfatizar que as redes de solidariedade também variam.

4. Caminho metodológico

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e o procedimento de coleta de informações ocorreu por meio de escuta sensível de dez mulheres e dez homens, imigrantes brasileiros/as em Dublin, Irlanda. A técnica de narrativas foi utilizada nas entrevistas, por se tratar de uma abordagem aberta, que permite contar histórias e reconstituir acontecimentos de acordo com a perspectiva da pessoa que os vivenciou (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2018). Sem apegar-se a um esquema de “pergunta-resposta”, como orientam Jovchelovitch e Bauer (2018), foi formulado um tópico inicial – contar a história do processo de imigração – e elaborados alguns pontos que pudessem compor a narrativa central: motivo da imigração; formação e trajetória de carreira no Brasil; a chegada na Irlanda e busca por trabalho; dificuldades em ser imigrantes, como situações de xenofobia; facilidades e dificuldades no processo e de ser migrante; trabalhos que teve como imigrante e tipos de contratos.

Cabe ressaltar que as entrevistas começaram presencialmente, com mulheres, e foram realizadas majoritariamente nas ruas, caminhando, com uma das pesquisadoras. Isso porque, os pubs e cafés são caros em Dublin e nem todas tinham condições de dar entrevistas consumindo comidas e bebidas. Além disso, tinham urgência em voltar para casa, uma vez que estava muito frio e ventava muito. Entretanto, quando já haviam sido empreendidas metade das entrevistas, a Irlanda entrou em **lockdown**, em consequência da pandemia do novo Covid-19. Para dar continuidade, as entrevistas que ainda não tinham sido feitas ocorreram através de ligações por redes sociais. As entrevistas foram consentidas por todas as pessoas participantes, mas não foram gravadas, uma vez que havia pessoas em situação irregular no país, com visto de estudante já havia expirado e não renovado. As análises exploraram as relações de carreira e migrações, separando-se em pequenas histórias e vida e narrativas, em um primeiro momento, e após, uma análise conjunta das trajetórias de todas as pessoas participantes.

Um ponto que chamou a atenção foi o fato de que os homens entrevistados não indicavam outros homens com facilidade, mas mulheres indicavam outras mulheres e homens com facilidade. A rede solidária das mulheres foi sentida com mais intensidade.

Quadro 01: Características de participantes da pesquisa

Identificação	Idade	Sexo	Tempo em Dublin	Motivos da imigração	Trabalho atual	Episódios Xenofobia	Média Salário mensal, euros	Estado que morava no Brasil	Para quantos países já imigrou
A	38	F	9 anos	Recomeçar vida	Atraindo público para restaurante	sim	1000	SC	0
B	32	F	8	Recomeçar, trabalhar	Sem trabalho	sim	1000	RS	0
C	30	F	3	Rompimento de relacionamento, busca por trabalho	Atraindo público para restaurante; faxinas	sim	1000	AM	0
D	27	F	1	Busca de trabalho, sair do brasil (racismo)	Atraindo público para restaurante; faxinas	sim	1000	MG	0
E	35	F	5	Trabalho, refazer a vida	Setor operacional de uma empresa de empacotamento de frutas	sim	1400	RS	2
F	30	F	4	Trabalho, estudar, segurança	Recepcionista em <i>hostel</i>	sim	1000	SP	0
G	31	F	1	Trabalhar, estudar, guardar dinheiro	Cuidado de idosos	sim	1000	RS	0
H	26	F	1	Trabalhar	Faxinas	sim	800	MG	0
I	36	F	5	Trabalhar, perspectiva de futuro	Analista de <i>merchandizing</i> digital	sim	1500	SC	1
J	41	F	3	Estudar e trabalhar	Cuidado (crianças, idosos?)	sim	Não	SP	0
L	18	M	1	Estudar inglês	Serviço de entregas, Deliveryhoo	não	1200	RJ	0
M	33	M	7	Expatriado por multinacional	Diretor de operações	sim	Mais de 3000	MG	0

N	32	M	9	Recrutado por uma empresa de engenharia de software para carros	Engenheiro de software	não	Acima de 3000	DF	0
O	30	M	8	Trabalhar e viver livremente sua sexualidade (homossexual)	Analista de TI	sim	Acima de 1000	RS	0
P	28	M	3	Demitido no Brasil	Gerente Zara	não	Acima de 1000	PR	0
Q	30	M	5	Estudar inglês	Visual merchandising	não	Acima de 1000	MA	1
R	51	M	2	Estudar inglês	Serviço de entregas Deliveryhoo	Sim	Não	RS	0
S	39	M	10 meses	Estudar inglês e para ter qualidade de vida	Empresa da área de <i>petshop</i>	Não	Não	RJ	0
T	36	M	3	Estudar inglês	Escritório de contabilidade	Não	360	BA	0
U	32	M	1	Estudar inglês e oportunidades de emprego	Serviço de entregas, Deliveryhoo	Sim	Não	SP	0

Fonte: elaborado pelas autoras com base na pesquisa

5. Análise dos resultados

Com o objetivo de ilustrar os dados organizou-se a análise preliminar baseada em duas categorias definidas a *posteriori*, quais são: uma virada de vida ou de trabalho: o recomeço; e redes solidárias e exploração da rede.

5.1. Uma virada de vida ou de trabalho: o recomeço

Para fins de organização das análises, este primeiro eixo foi organizado da seguinte forma: primeiro discutem-se as razões da imigração, segundo, debate-se as atividades, tipos de trabalho e as características dos contratos, por fim, finaliza-se com possibilidades de futuro.

É possível dizer que há particularidades na vida de imigrante atravessadas por marcadores sociais, em especial, gênero. Ser imigrante brasileiro/a é um marcador de origem étnica e cultural relevante, que pode impulsionar situações de xenofobia, comum a maioria das pessoas que participaram da pesquisa. Entretanto, a vivência das mulheres vislumbrou aspectos significativamente distintos das dos homens, o que inicialmente não era um ponto de análise previsto para a pesquisa.

A maioria das mulheres imigra com o objetivo de trabalhar, mas é somente com o visto de estudante que isso é possível. Elas não têm desejo de regressar ao Brasil e renovam o visto quantas vezes for permitido. O custo de vida em Dublin é um tanto alto, em especial o aluguel – há uma crise de moradia, de modo geral, pois vive-se em quartos, em apartamentos compartilhados com outros/as imigrantes.

Três mulheres relataram que por diversos traumas (assalto, assédio, tratamento de câncer) não desejam voltar ao Brasil, são memórias que desejariam que fossem apagadas. Entendem a imigração como um sonho de produzir novas e melhores memórias, tal como os pontos de virada: inseridas em um contexto que limitava suas vidas e determinavam suas possibilidades, que geralmente eram pequenas e restritas, decidem emigrar. Suas carreiras são projetos estagnados, que foram deixados no Brasil.

Muitas mulheres não desejavam emigrar para Dublin, entretanto, à época, o país se apresentou como uma oportunidade, por oferecer cursos de inglês em troca de visto de estudante, que permitia trabalhar em tempo parcial. Mesmo assim, enquanto os homens dizem que conseguem pagar suas contas trabalhando em tempo parcial, as mulheres relatam que precisam burlar a regra e trabalhar mais que quarenta horas semanais, geralmente em mais de dois tipos de trabalhos diferentes.

Os projetos de migração são acompanhados da hostilidade com os imigrantes. Não raros foram os casos relatados de violência física por um grupo fascista Irlandês, conhecidos como “nanas”. São grupos de jovens, homens e mulheres, que ameaçam imigrantes nas ruas de Dublin tanto com palavras que emitem “vão embora para seu país” quanto com pancadas na cabeça e corpo, segundo relatos dos/as entrevistados/as.

Destaca-se que o planejamento de emigrar para a Irlanda aconteceu de modo diferente para homens e mulheres. Para os homens, em geral houve planejamento, convite para trabalhar e indicações de conhecidos que já haviam emigrado. Para as mulheres, por sua vez, não se pode dizer que elas precisamente planejaram a ida. Contam que buscaram informações em **sites** e com agências de turismo que pudessem organizar a suas viagens. Tem em comum, em sua maioria, projetos de vida e carreira rompidos ou estancados na partida, ou seja, no Brasil.

Observou-se que ponto de virada da carreira – a transição – por parte das mulheres e o principal motivo diz do **status** e da qualidade de vida, já que muitas relatam como uma motivação viajar na Europa, ou seja, aspectos subjetivos da vida vivida. As formas de inserção laboral variam. As mulheres tendo em vista as dificuldades do visto, as que conseguem fazem a cidadania europeia, tem contrato formal de trabalho e inclusive, algumas relatam o pagamento para casar-se com alguém que tenha a cidadania europeia.

Os contratos de trabalho na sua maioria, para mulheres, são por tempo determinado e parcial, em especial trabalhos na área da limpeza. Ao contrário dos homens, que têm em sua maioria contratos de trabalho por tempo indeterminado e são **em** tempo integral. Tanto os homens quanto as mulheres entrevistados/as pode ser considerados/as imigrantes qualificados, com o ensino superior completo. A maioria dos homens já haviam passado por um processo de imigração anteriormente, diferentemente das mulheres, em contexto de imigração pela primeira vez.

Percebeu-se que a trajetória das mulheres é marcada por empregos e trabalhos vulneráveis e precários, todavia, é um meio de viabilizar seus desejos, vontades e uma vida melhor e em alguns casos, reverter o ciclo e pobreza seu e de suas famílias (CARPENEDO e NARDI, 2017). Também é notável que a maioria dos homens conseguiram ingressar no mercado de trabalho formal mais facilmente que as mulheres. Tal facilidade diz tanto dos aspectos relativos ao gênero quanto pela cidadania europeia. Somente uma mulher com passaporte europeu também conseguiu emprego formal. Villen (2017) já destacava que é necessária maior atenção no racismo e na divisão sexual do trabalho entre imigrantes que saem do seu país legalmente por motivo de trabalho, bem como relatou-se aqui.

As mulheres, apesar da mobilidade vivenciada quando imigram e pela suposta liberdade para viajar pelo mundo, vivenciam o processo de imigração com perdas significativas nas perspectivas de carreira. Essa limitação é reproduzida nas possibilidades de expatriação e migração, uma vez que às mulheres é atribuída menor mobilidade social ou uma mobilidade cerceada por elementos contextuais e estruturais da sociedade. Assim, as limitações de mobilidades social e geográfica acabam sendo duas dimensões que restringem as carreiras de mulheres (FRAGA; ROCHA DE OLIVEIRA, 2020).

5.2. Redes solidárias e a exploração da rede

Redes são sempre ligação. Deve ser ativas e sobretudo estar em uso (DIAS, 2007). São mediações e produtoras de um novo espaço (LENCIONI, 2010) e são tanto materiais quanto imateriais ou simbólicas. São, sobretudo, heterogêneas e não uniformes. Para iniciar a discussão percebemos que tudo inicia pela rede paga, que são as escolas de inglês. Convencionamos chamar essa rede como norma ou regra (DIAS, 2007). Quando chegam no país, engendram outras redes, de amigos/as e familiares que já estavam na Irlanda, bem como uma rede nova de mulheres e homens que emigraram e ajudam na inserção no mercado de trabalho, seja no formal ou no informal. A inserção pela via das escolas de inglês é uma das poucas possibilidades que as mulheres imigrantes têm para ter visto de estudos e, portanto, trabalho.

As e os imigrantes, quando chegam, acionam a rede solidária que engendra as possibilidades de alojamento. Essa rede pode ser tanto solidária quando exploradora. Solidária quando se caracteriza pela extensa ajuda em indicar quartos mais baratos e com grupos de brasileiros que são do “bem” como as mulheres referem. Exploradora que se caracteriza pela sublocação dos quartos a partir de brasileiros que alugam um apartamento inteiro. Uma brasileira contou que sentia frio e não podia usar o aquecedor do quarto para não gastar luz. Na questão de alojamento percebemos que os homens moram melhor que mulheres, tanto em quartos sozinhos quanto em apartamentos inteiros sozinhos. As mulheres em geral compartilham um quarto com em média mais quatro outras mulheres.

Para as mulheres a virada na carreira só se concretiza com as redes na partida e na chegada. São sobretudo redes importantes de confiança e o medo de perdê-las e de ter que refazer as redes em outro país ronda seus mais bonitos sonhos de conseguir construir uma vida em outro país. Para as mulheres as mobilidades e redes são também precárias: muitas vezes sem a rede para emigrar, vão sozinhas. A rede que apontamos como a norma institucional as ajuda: matricular-se em curso de inglês e conseguir o visto de estudante que garante o trabalho, pelo menos *part-time* (mas a maioria faz muito mais que 20 horas). A maioria, por trabalhar muito, dificilmente conseguem aprender a falar a língua inglesa. Como um ciclo sem fim, não conseguem por sua vez trabalhos melhores que dependam da língua: como na área de serviços por exemplo (restaurantes e hotéis).

Há um medo de terminar o visto de estudante e não conseguirem ficar. Algumas mulheres estão irregulares. Observamos também que as mulheres são responsáveis pelas remessas ao Brasil e pelo cuidado com avós e mães que ficaram no Brasil, tal como já anunciava o trabalho de Carpenedo e Nardi (2017).

Para as mulheres há o recomeço e o rompimento com sua trajetória profissional que inicia pela desistência da profissão escolhida no Brasil e recomeço de outra ocupação na Irlanda. As imigrantes são consideradas super-qualificadas para as funções que exercem, o que causa uma sensação, como algumas dizem, de voltar muitos passos. Mesmo assim percebemos uma nuance de precarização do trabalho: mesmo que tenham um rebaixamento profissional, comparativamente ao Brasil, consideram melhor. As redes das mulheres levam a trabalhos precários – as mobilidades/transições das mulheres são muitas, mas não chegam a um melhor trabalho, tal como um labirinto precarizado (FRAGA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2020): condições de trabalho ruins, excesso de horas, frio, assédio moral e sexual. Já, para os homens as redes de apoio são redes profissionais: essa que os levou longe e garantiu a mobilidade também estável. Consideramos que os homens têm uma rede profissional que também garante o aluguel e os recomenda para outras pessoas.

Os capitais acionados para dar conta do cotidiano e desafios do trabalho são diferentes, comparativamente entre homens e mulheres. Algumas mulheres não têm muitos capitais para mobilizar nas suas redes. Uma mulher somente manifestou que sabe a razão de ter emigrado: pelo

seu capital simbólico; já, para a maioria dos homens os capitais simbólicos mobilizados são a cidadania europeia e a rede de amigos também homens. Por fim, infere-se que homens mobilizam a rede profissional, enquanto as mulheres mobilizam a rede precária.

Considerações Finais

O presente estudo, em construção é de cunho qualitativo e objetivou verificar e analisar os pontos de virada que compõem a carreira de imigrantes brasileiras e brasileiros que vivem e trabalham em Dublin. Como principais resultados preliminares destacaram-se:

- as particularidades da vida de imigrante atravessadas por marcadores sociais, principalmente por gênero;
- a relevância da formação de redes entre mulheres imigrantes;
- a precarização e informalidade experimentadas por profissionais com qualificação;
- a crise de moradia e aluguéis;
- novos desafios impostos a imigrantes pela situação de pandemia mundial.

O estudo contribui para a articulação dos estudos de migração e carreira, com destaque para os pontos de virada, que envolvem recomeços e regressos muitas vezes compulsórios, vividos por imigrantes. Para dar continuidade à pesquisa, pretende-se ampliar as análises relativas à gênero, raça e classe, de forma interseccional, tendo em vista os indicativos percebidos na exploração do campo.

Por meio desta pesquisa percebeu-se que há uma diferença entre a percepção entre mulheres e os imigrantes homens vivenciam o processo de migração. Isso já sinaliza que existe a interferência dos marcadores sociais nas migrações, especialmente entre mulheres brasileiras e imigrantes.

Ao analisar a carreira de emigrantes brasileiros em Dublin notou-se que as mulheres geralmente migram em busca de trabalho. Entretanto percebeu-se que existem motivos que transpassam essa motivação e que são influenciados por traumas vivenciados no Brasil. Assim, os **turnpoints** vivenciados pelas mulheres são influenciados mais por um recomeço de vida do que um planejamento de suas carreiras. Já, os imigrantes homens saem do Brasil na maioria das vezes por motivações relacionadas ao seu crescimento profissional.

Ressalta-se que estudos sobre migrações são cada vez mais importantes, visto o número dos deslocamentos e a estimativa do seu crescimento. Estudos sobre essa temática relacionados

a carreira dos emigrantes brasileiros podem vir a contribuir na formação de um panorama entre os emigrantes brasileiros que abordem as causas da migração, motivações e a sua inserção no mercado de trabalho, além dos pontos de virada na carreira.

Como as particularidades da vida de imigrante são atravessadas por marcadores sociais, como gênero, raça e etnia, sugere-se estudos futuros que analisem a vida de imigrantes brasileiros e brasileiras com base na Teoria Interseccional, inclusive em outros países europeus para que seja possível realizar uma comparação entre os países, que incluam as aspectos legais e econômicos. Além disso, tendo em vista o cenário atual da pandemia do Covid-19, sugere-se verificar como a interferência do isolamento social afetou a vida dos imigrantes brasileiros.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, A.. Do genocídio ao ideocídio. In: O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo, Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.

BAJWA, J. K. et al. Examining the Intersection of Race, Gender, Class, and Age on Post-Secondary Education and Career Trajectories of Refugees. *Refuge, Canada's Journal on Refugees*. V. 34, n. 2, p. 113-123, 2018.

CAMPION, E. D. The career adaptive refugee: Exploring the structural and personal barriers to refugee resettlement. *Journal of Vocational Behavior*. V. 105, p. 06-16, 2018.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARPENEDO, M.; NARDI, H. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. *Cadernos PAGU*, n. 49, 2017.

CSO. Census 2016 -Non-Irish Nationalities Living in Ireland: Brazilian. Central Statistics Office, 2016. Disponível em: < <https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-cpnin/cpnin/brazilian/>> Acesso em 29 de março, 2020.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; CHIESA, C.. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 20, n. 4, p. 458-476, 2016.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.. Inked careers: Tattooing professional paths. *BAR-Brazilian Administration Review*, v. 13, n. 4, 2016.

DIAS, L. C.. Os sentidos da rede: notas para a discussão. IN: Dias, L. C e Silveira, R, L, L. *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2007. pp. 11-28

DORNELAS, P.D.; RIBEIRO, R.G.N. Mulheres Migrantes: invisibilidade, direito à nacionalidade e a interseccionalidade nas políticas públicas. *O Social em Questão*. N. 41, mai/ago, 2018.

EU. Ireland: overview: European Union, 2020. Disponível em: < https://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/ireland_en> Acesso em 29 de março, 2020.

FRAGA, A. M.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.. Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. *Cadernos EBAPE. BR, Early View*, Maio, 2020.

HAESBAERT, R.. Definindo território para entender a desterritorialização. In:

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004. pp. 35-98.

_____. Múltiplas dimensões da desterritorialização. In: HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004. pp. 171-234.

HIRATA, H.. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. *Revista Trabalho Necessário*, v. 16, n. 29, 2018.

HOLZMANN, L.. Divisão sexual do trabalho. In: CATTANI, A.; HOLZMANN, L. (Org.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. P. 101-103.

HOWES, L. M.; GOODMAN-DELAHUNTY, J. Predicting career stability and mobility: embeddedness and boundarylessness. *Journal of Career Development*, v. 42, n. 3, p. 244-259, 2015.

HUGHES, E. C. Institutional office and the person. *American journal of sociology*, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

_____. *Men and their Work*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.

INIS. *Imigration in Ireland Statistics*. Irish Naturalisation and Immigration Service, 2018.

JOVCHELOVICH, S., BAUER, M.. *Entrevista Narrativa*. BAUER, Martin W.; GASKELL, G.. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada, 2018.

LENCIONI, S.. redes, coesão e fragmentação do território contemporâneo. Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. V. XIV, n. 331 (69), 1 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-69.htm>

MAHER, G.; CAWLEY, M. Short-Term Labour Migration: Brazilian Migrants in Ireland. Population, Space and Place. V. 22, p. 25-25, 2016.

_____. Social Networks and Labour Market Access among Brazilian Migrants in Ireland. Journal of Ethnic and Migration Studies. V. 41, p. 2336-2356, 2015

MAHER, G. A Transnational Migrant Circuit: remittances from Ireland to Brazil. Irish Geography. V. 43, n. 2, p. 177-199, jul, 2010.

MAYRHOFER, W.; MEYER, M.; STEYRER, J.. Contextual issues in the study of careers. Handbook of Career Studies, p. 215-240, 2007.

OLTRAMARI, A. P.; GRISCI, C. L. I.. Trajetórias e transições nas carreiras de executivos bancários. Revista Gestão & Tecnologia, v. 12, n. 1, p. 126-150, 2012.

_____. Carreira e família na sociedade líquido-moderna. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 15, n. 1, p. 15-48, 2014.

ONU. Human Development Index Ranking: UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2018. Disponível em: < <http://hdr.undp.org/en/content/2019-human-development-index-ranking> > Acesso em 29 de março, 2020.

SANTOS, M. Por uma geografia das redes. In: _____. A natureza do espaço. São Paulo, EDusp, 2014, 8ª ed. pp- 261-278.

VILLEN, P. A Face Qualificada-especializada do Trabalho Imigrante no Brasil: temporalidade e flexibilidade. Caderno CRH, Salvador, v. 30, n. 79, p. 33-50, Jan./Abr.

WEHRLE, K.; KIRA, M.; KLEHE, U.C. Putting career construction into context: Career adaptability among refugees. Journal of Vocational Behavior. 2018.

YU, K. Negotiating 'otherness' as skilled migrants. Journal of Industrial Relations. V. 61, n. 2, p. 199-224.